

KALUNGANO (1929-2020)

O eterno canto do amor à pátria!

“Eu não sacrifiquei a minha juventude para participar na luta de libertação nacional. (...) A luta de libertação era um imperativo nacional para todos. Eu não aceito que alguém diga que sacrifiquei a minha juventude por isso”.

MORREU Marcelino dos Santos, uma das vozes mais completas da gesta libertária nacional, aos 90 anos de idade, vítima de doença. Morreu o veterano da Luta Armada de Libertação Nacional, mas não morreu o poeta. Kalungano continua vivo, pois os poetas, esses nunca morrem. Permanecem vivos na memória colectiva do seu povo e dos amantes da literatura.

Poeta e político activo, Marcelino dos Santos é uma das figuras tutelares da história de Moçambique, sendo igualmente reconhecido como activista das mais nobres causas nacionais.

Nascido a 20 de Maio de 1929, no Lumbo, distrito da ilha de Moçambique, província de Nampula, onde o seu pai era operário nas oficinas dos Caminhos-de-Moçambique (CFM), Marcelino dos Santos estudou até à 3.ª Classe, donde saiu para Lourenço Marques (hoje Maputo) para dar continuidade dos estudos. É aqui onde fez a 4.ª Classe, concluindo, depois, a Escola Industrial Sá da Bandeira.

Daqui partiu para Lisboa, Portugal, em Outubro de 1947, onde frequentou o Instituto Industrial de Lisboa e, mais tarde, o Instituto Superior Técnico (IST). Morou na Rua Miguel Bombarda e no n.º 1 da Rua Casal Ribeiro, onde durante certo tempo, partilhou um quarto com Amílcar Cabral.

Jovem conhecedor e preocupado com as realidades do povo moçambicano, Marcelino dos Santos inicia, em Lisboa, a sua participação política na Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa - uma organização oficiosa forçosamente

afastada do fim que lhe fora destinado pelo Governo Português por gerações de estudantes africanos que a “transformaram” na mais potente e especial plataforma para a difusão e divulgação dos autores africanos que era impossível, então, editar em África.

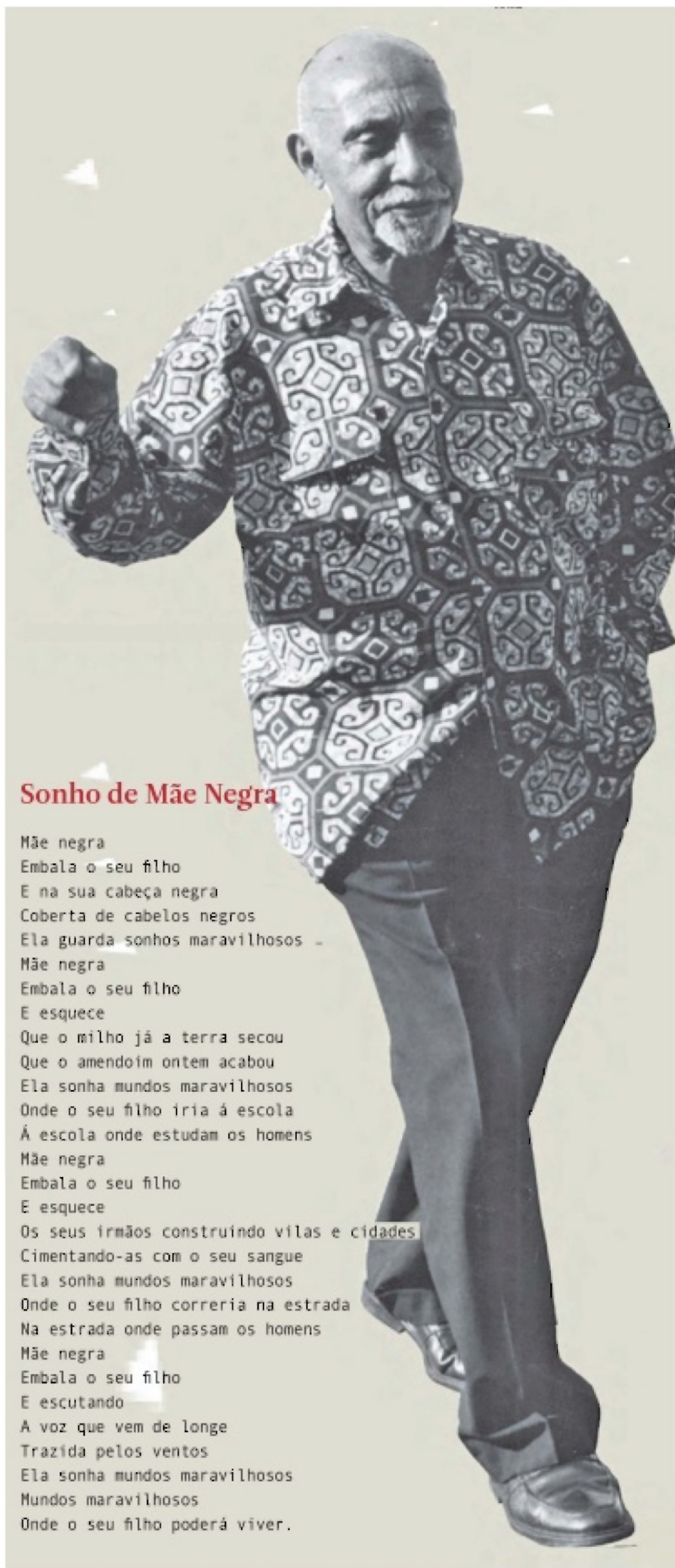
É aqui onde começa a escrever textos que despertam atenção por descreverem a “sorte” do colonizado, vítima da sociedade e impossibilitado de atingir um meio de libertação, mas extremamente crence na hipótese de virar o seu destino e passar de perseguido a perseguidor.

Militou no MUD Juvenil. E foi preso, em Novembro de 1950, numa manifestação junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, juntamente com Mário Andrade e Guilherme Espírito Santo. Era sócio n.º 248 da CEI (Casa dos Estudantes do Império), de que foi dirigente.

Por decisão deste núcleo, parte, em 1953, para Paris, na França, a fim de ampliar a acção organizativa. Estudou em Grenoble, no Instituto Politécnico e, mais tarde, em Paris, no Instituto de Ciências Políticas. Estuda ainda Ciências Políticas e Sociologia na Universidade de Sorbone.

Participou, em representação da juventude moçambicana, no Festival da Juventude de Bucareste, e depois nos Festivais de Varsóvia, Moscovo, Pyongyang e Havana, sempre como representante da juventude moçambicana.

Em 1954 esteve no Congresso da UIE (União Internacional dos Estudantes) e no Conselho da Federação Mundial das Juventudes Democráticas, em Beijing, na China, país que percorre durante 56 dias, declarando a propósito:



Sonho de Mãe Negra

Mãe negra
Embala o seu filho
E na sua cabeça negra
Coberta de cabelos negros
Ela guarda sonhos maravilhosos -
Mãe negra
Embala o seu filho
E esquece
Que o milho já a terra secou
Que o amendoim ontem acabou
Ela sonha mundos maravilhosos
Onde o seu filho iria á escola
Á escola onde estudam os homens
Mãe negra
Embala o seu filho
E esquece
Os seus irmãos construindo vilas e cidades
Cimentando-as com o seu sangue
Ela sonha mundos maravilhosos
Onde o seu filho correria na estrada
Na estrada onde passam os homens
Mãe negra
Embala o seu filho
E escutando
A voz que vem de longe
Trazida pelos ventos
Ela sonha mundos maravilhosos
Mundos maravilhosos
Onde o seu filho poderá viver.

“Foi desde então que vi com clareza o que era o socialismo”.

Em Roma, na Itália, participa no 2.º Congresso de Escritores e Artistas Negros, evento organizado em 1959.

Em Paris, Marcelino dos Santos representou os estudantes e as juventudes portuguesa e colonial. Morou num quarto no 3B da Praça da Sorbonne (É neste mesmo quarto que, em 1945, o Partido Comunista Português (PCP), pretendia instalar uma sede sua. E em 1964, vivia aí um membro destacado do PCP, antigo jornalista do jornal República, já falecido), onde se realizou a “reunião de consulta e estudo para o desenvolvimento da luta contra o colonialismo”, de que sairá a decisão de criar o MAC (Movimento Anticolonialista).

Foi um dos dirigentes independentistas a ser recebido pelo Papa Paulo VI, no Vaticano, enquanto membro da presidência do Conselho Mundial da Paz.

Fruto do seu engajamento político, Marcelino dos Santos foi condecorado com as Medalhas XX Aniversário da Fundação da FRELIMO (Veterano), A Ordem 25 de Setembro de L.º Grau e o título de Herói do Trabalho da República de Moçambique.

Desde os anos 50, com os pseudónimos Kalungano e Lilinho Micaia, começa a colaborar no Brado Africano como poeta.

Tem livros publicados na União Soviética (Rússia), China e República Democrática Alemã (RDA) e poemas traduzidos em várias línguas.

Foi galardoado com o Prémio Lótus, da Associação dos Escritores Afro-Asiáticos e o Prémio MIRSU TURSUM ZADE, da União dos Escritores Soviéticos e do Comité Soviético de Solidariedade com os Povos de África e Ásia, sendo considerado uma das vozes poéticas mais autênticas do nacionalismo africano.

O seu combate não se cingiu ao campo político, a escrita também foi um instrumento que usou para combater, vestindo a pele de Lilinho Micaia e Kalungano. “Canto do Amor Natural” foi o único livro publicado com o seu nome Marcelino dos Santos.

Na época em que a poesia de combate era a onda em que os independentistas navegavam, publicou poemas no jornal Brado Africano em Moçambique e em duas antologias publicadas pela Casa

“Enquanto houver revolução por refazer, não ha tempo para morrer!”.

dos Estudantes do Império, em Portugal.

Com os pseudónimos Kalungano e Lilinho Micaia tem poemas seus publicados no Brado Africano e em duas antologias publicadas pela Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa. Com o seu nome oficial, tem um único livro publicado pela Associação dos Escritores Moçambicanos, em 1987, intitulado “Canto do Amor Natural”.

Quando Marcelino dos Santos, uma das figuras históricas do nosso país - também conhecido por Kalungano e Lilinho Micaia - seguiu para Lisboa, em 1949, aos vinte anos, para continuar os seus estudos superiores, levava na veia o mesmo sentido de justiça social defendido pelo seu pai, Firmino dos Santos.

O seu progenitor tinha sido membro da Associação Africana de Moçambique, associação na qual apelou à revitalização e à união dos moçambicanos na busca destes mesmos valores humanos: justiça e igualdade social.

O mesmo apelo haveria de ser feito pelo jovem Marcelino a esta associação, através de um carta enviada de Lisboa, da Casa dos Estudantes do Império, onde Marcelino acordava para os sentimentos nacionalistas na companhia de outros jovens activistas lusófonos.

Ao mesmo tempo que descobria a poesia e o poder das letras, o jovem Marcelino partilhava os seus ideais de justiça e liberdade com outros futuros revolucionários, como Amílcar Cabral, Agostinho Neto e Eduardo Mondlane.

O resultado destas conspirações estudantis, descobertas pelo Governo português, foi a fuga de Eduardo Mondlane

para os Estados Unidos, a prisão de Agostinho Neto. Marcelino e outros estudantes tiveram de se instalar em Paris.

É nesta altura que aparecem pela primeira vez os pseudónimos Kalungano e Lilinho Micaia, assinando poemas em jornais de língua portuguesa e na colecção de poemas publicada na União Soviética. Entretanto, Marcelino convive com artistas e escritores africanos progressistas instalados na capital francesa.

O seu trabalho como promotor da causa nacionalista e de luta contra o regime de Salazar leva à formação, em Paris, do Movimento Anti-Colónia (MAC), que iria pouco tempo depois congregar vários movimentos nacionalistas para a libertação de Angola e Guiné Portuguesa.

Marcelino é eleito secretário permanente responsável pela coordenação das actividades dos movimentos nacionalistas, com vista ao fim da presença portuguesa em África e a independência das suas colónias.

Apesar da militância política e do esforço pela libertação do país ter consumido tempo para as letras, Marcelino dos Santos é ainda hoje considerado como uma das vozes mais significativas da afirmação de uma poesia realmente moçambicana.

O seus primeiros textos, do tempo de estudante, debruçam-se sobre a sorte do colonizado enquanto vítima da sociedade, mas mantendo viva a chama da confiança e na sua capacidade para mudar o seu destino. Destino esse que passa pelo acordar do povo moçambicano e a sua realização como homem livre e determinado.